



Qual o Futuro das Culturas e Civilizações num Mundo Globalizado?

Giovanni Baruffa*

Resumo: A análise do futuro das culturas e civilizações dos povos colonizados, particularmente no contexto do processo atual da globalização, não é nada promissora. Em consequência desse processo, o homem e os povos em geral estão sendo levados a um consumismo sem freios, perdendo a *Humanitas* e o espírito crítico que caracterizaram, durante séculos, a convivência e as relações humanas. O futuro é vislumbrado como um mundo de autômatos, de consumidores compulsivos conduzidos pela mídia, e totalmente acríticos.

Palavras-chave: cultura; civilização; colonialismo; desumanização, globalização; consumo compulsivo

“O que faz o homem é sobretudo a sociedade, criação humana por excelência. O resto dos elementos socioculturais surge dessa primeira criação humana.”
Buffon (1707-88)

As descobertas geográficas dos séculos XV e XVI mostraram que o mundo era muito mais que a bacia do Mediterrâneo e Oriente Próximo, onde tinham florescido as grandes civilizações do Egito, Creta, Mesopotâmia, Grécia e Roma e onde as invasões árabes tinham trazidos novos e importantes conhecimentos. A Europa sentiu-se na obrigação de partir para a

* Professor Emérito da UCPel e da FURG.

conquista do Novo Mundo a fim de difundir a sua cultura e religião e locupletar-se com o ouro, a prata, as pedras preciosas.

Nesse Novo Mundo, existiam povos de comportamento, costumes, crenças um tanto exóticos. Não eram mencionados nos Livros Sagrados, surgindo, então, a dúvida se eram seres racionais pertencentes ao gênero humano e, portanto, portadores de direitos naturais como os filhos de Sem, Cam e Jafé. Teria Cristo morrido também para eles? O enigma foi resolvido pelo papa Paulo III (1534-1549) com a bula *Sublimis Deus*, afirmando que também eles tinham alma e, portanto, a Redenção de Cristo os incluía. Era, porém, obrigação dos bons cristãos irem ao encontro dos novos irmãos para convertê-los à verdadeira fé e batizá-los.

Iniciou-se, assim, a ocupação e conversão pelas mãos de “conquistadores” do quilate de um Pizarro, criador de porcos na Espanha. A conquista materializou-se com o massacre de milhões de seres humanos, cuja única culpa era a de serem “diferentes”, tanto no aspecto físico quanto nos costumes e crenças, além de habitarem regiões ricas em minérios preciosos e de grande fertilidade. A colonização de imensos territórios deu origem a um fato novo na política europeia: o “colonialismo”, cuja base ideológica era a expansão da fé cristã. De nada adiantou a defesa extremada dos povos indígenas por um Bartolomé de Las Casas, dominicano, pelos franciscanos, pelos jesuítas.

O colonialismo saqueou, escravizou, massacrou os povos do Novo Mundo. Não ficaram imunes nem os africanos, trazidos aos milhões como escravos para as Américas. A exploração colonialista estendeu-se à Índia China, sudeste da Ásia, berços de antigas civilizações. O pretexto era sempre o mesmo: difundir, entre os pagãos e selvagens, valores e costumes europeus, tido como superiores.

O nascimento, em meados do séc. XIX, da Antropologia, como estudo de povos de línguas, crenças e costumes “diferentes”, reforçou, entre as elites da Europa, a convicção de sua superioridade civilizatória, derivando disso a obrigação de difundir os seus valores. As dicotomias “selvagem/civilizado”, “bárbaro/civilizado” e “primitivo/civilizado” assumiram conotações de indiscutível superioridade de uns e de atávica inferioridade de outros.

As coisas continuaram assim até meados do séc. XX quando, em consequência dos movimentos de libertação, particularmente entre os povos africanos e asiáticos, a intelectualidade europeia começou a expressar dúvidas e a

perguntar-se se não era chegado o tempo de abandonar a política colonialista, vista como opressiva, injusta e anacrônica.

O maio francês de 1968 denunciou, de forma contundente, a ação civilizatória ocidental e posicionou-se a favor da conservação das culturas minoritárias vistas como testemunho precioso da inteligência e criatividade humana, mesmo nas situações ambientais mais difíceis e precárias. Tratava-se de patrimônio da humanidade e, portanto, eram merecedoras de estudo, respeito e conservação.

O genocídio, inerente ao processo de colonização, tinha dado lugar ao etnocídio, apagando preciosos testemunhos de culturas “outras”, de cujo conhecimento e estudo a humanidade tinha muito a aprender. Essas culturas “outras”, salvo raras exceções, nada tinham de perversas. Pelo contrário, perversa e mortífera mostrava-se a civilização difundida pelos colonialistas.

A aculturação imposta pelos ocidentais, na sua perversidade, representava a negação de outras culturas e civilizações cujo destino era o desaparecimento para dissolver-se dentro de uma cultura e civilização tida como tecnicamente superior.

Como toda cultura e civilização, também a ocidental é unitária, excludente e não tolera a existência, em seu raio de ação, de culturas e civilizações diferentes, cujo destino é o desaparecimento quando atingidas pelo processo de colonização e, hoje, pelo fenômeno da “globalização”.

JAULIN observa justamente que a morte também é unitária, visto representar a identidade das soluções encontradas na expressão da vida. De acordo com o citado autor, civilização única traduz-se em “des-civilização” orientada para a morte, civilização-cemitério, civilização da não-comunicação, civilização que impede e anula toda relação.

Os mitos da produção e consumo: o produzir para consumir e o consumir para produzir representam o eclipse da personalidade do “humano” na espécie, reduzida à sua componente exclusivamente irracional, à sua componente puramente animal. É o eclipse do Humanismo num mundo globalizado, no qual o diferente, o “outro” perde a liberdade de existir, de pensar, de construir uma existência diferente daquela imposta pela globalização. E a globalização imposta ao mundo pelo Capitalismo triunfante está produzindo uma única cultura hegemônica. As culturas “outras”, patrimônio de povos e nações, vão tornando-se subculturas, algo como um folclore a ser exibido, quando tanto, às massas de turistas globalizados. Desaparecerão, assim, as culturas

de povos simples, povos de tradição, que foram objeto de tantos estudos e pesquisas antropológicas. Com elas irá desaparecer todo o patrimônio de *Humanitas*, de sabedoria, de soluções que os simples souberam criar.

E o homem ocidental, moderno, rebaixado à condição de consumidor compulsivo, perderá a *Humanitas* e, com ela, a inteligência crítica e o amor, qualidades que distinguem o cidadão livre e consciente. O futuro se vislumbra como uma “desumanidade” de autômatos, governados pela mídia, consumidores compulsivos, totalmente acríticos.

Abstract: Particularly in the context of the present process of globalization, the analysis of the future of cultures and civilizations of colonized peoples is not at all promising. As a consequence of this process, man and peoples in general are being dragged to an unbridled consumption, losing the *Humanitas* and the critical spirit which characterized for centuries the sociability and the human relationships. The future is seen as a world of automata, of compulsive consumers led by the means of communication, and utterly acritical.

Keywords: culture, civilization; colonialism, dehumanization; globalization; compulsive consumption.

Referências

AZCONA, J. *Antropologia I e II. Vozes*, Petrópolis, 1992.

BUFFON, J.L. Em Azcona, pág. 50.

JAULIN, R. Em Azcona, pág. 24.